

**ainda
fazemos
as coisas
em grupo**

**conversas
de arte
EAV**

12

Exposição realizada no **Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica** em duas partes, sendo a 1ª parte de 07/12/2019 a 07/01/2020 e a 2ª de 11/01/2020 a 01/02/2020.

Semanalmente, em torno de uma grande mesa, cerca de trinta pessoas se reúnem em uma das salas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Vêm de lugares distintos da cidade, bem como da vida. Diante de suas diferenças e contradições, inventam um espaço-tempo de escuta e de confiança para partilhar poéticas e intenções, fazendo do curso **Conversas de arte** um território de criação fundado na diversidade que o constitui. Compartilhar parte do que construímos em 2019 é o que nos move em **Ainda fazemos as coisas em grupo**: uma exposição de encerramento que é também uma preciosa oportunidade de aprendizado em torno da urgência de agir nos espaços públicos a partir dos imaginários e dos universos sensíveis que a criação mobiliza.

Dedicar-se a um gesto coletivo ao fim deste ano de radicalização da violência contra a diferença – das mais silenciosas às mais escandalosas formas de discriminação – parece-nos um exercício inadiável. Em sua premência, persistir em grupo impõe, por sua vez, que sejam acolhidas e fortalecidas as singularidades e salvaguardado o direito à diferença, em razão do que **Ainda fazemos as coisas em grupo** se dá em duas partes, 1 e 2, nas quais são apresentadas artistas diferentes, avizinhas por interesses poéticos, políticos e estéticos.

Ainda fazemos as coisas em grupo - parte 1 reúne obras em torno da experiência da vulnerabilidade: seus corpos, seus traumas e feridas, o tempo que demarca a história, processos de fragilidade e de empoderamento subjetivo e social. Por sua vez, **Ainda fazemos as coisas em grupo - parte 2** convoca a cidade, a arte e seus modos de sociabilidade, reunindo trabalhos que atentam para os regimes de poder, de discursividade, de visibilidade, de violência e de institucionalidade que identificam, organizam e disciplinam as intencionalidades, os pensamentos e as práticas nos mais diversos âmbitos da vida.

Encerrando os aprendizados deste ano e inaugurando os que decerto se farão em 2020, esta exposição convida os públicos do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica a encorpar as coletividades do mundo para que, em grupo, continuemos aprendendo e fazendo.

Ana Miguel, Brígida Baltar e Clarissa Diniz
professoras do curso **Conversas de Arte**



ana carolina videira
ana quintella
arthur palhano
bo ferraz
cypriano
dulce lysjy
edju
felipe caldas
laura freitas
maria mara
marcella araujo
maria lucia fontainha
mariana sussekind
rafael tenius
sophia pinheiro
veronica peixoto
yago toscano

loarte



Holy mess, 2019
Manto de linho preto bordado com linha de algodão branco



detalhe

ana carolina videira

tem se dedicado ao bordado como processo: para além da singularidade gráfica e da densidade emocional que são características dessa linguagem, ao longo do último ano a artista explorou a íntima relação entre bordado, tempo e devoção na elaboração do *Manto Holy Mess*. Nele, orações, canções, poemas e frases que inspiram fé para Videira foram inscritos sobre um largo tecido negro num processo de cotidiana gestação que, através do bordado, sublimou medos, dores e memórias em dizeres de força e acolhimento. Horas soltas e dias apertados encontraram, nas palavras do Manto, uma escrita própria: caligrafia surgida da confluência entre os dedos da artista, a agulha, linha e o tecido que se abre a esses pequenos gestos de confiança que, agora, recobrem e protegem seu corpo.

ana quintella

tem uma trajetória de anos por trás das lentes. Fotógrafa, recentemente se propôs a experimentar a câmera como espelho e, da intimidade de um espaço a portas fechadas, pôs-se a retratar a si mesma. Nas imagens surgidas da inversão de sua posição habitual, seu corpo em movimento parece fugir, contudo, do lugar da modelo. Em fuga, inventa, por meio da luz, do tempo e com a ajuda de elementos simples como tecidos, um sujeito situado entre quem olha e quem é olhado, suficientemente evanescente para ser a um só tempo apreensível e incapturável. Das relações entre o que se esconde e o que se revela precipita-se uma coreografia silenciosa que aponta para um território profícuo de interesses – corpo, gesto, movimento, tempo, gênero – a desdobrar-se desde e para além da fotografia.



Auto-retrato da série Diário Íntimo, 2018
fotografia impressa com pigmento mineral sobre papel de algodão

arthur palhano

tem pesquisado o ambivalente território das imagens do esquecimento, produzindo, fundamentalmente por meio da pintura, um imaginário em torno do que se apagou ou daquilo que existe em estado espectral. Desinteressado pelo binômio morte/vida, tem se dedicado à radical complexidade das infinitas formas de existir entre aquilo que se presume vivo e o que estaria sabidamente morto, como no caso de pessoas que sofreram lobotomia. Nos adverte, assim, do projeto ético de sua pintura: o de representar aqueles e aquilo que, aos olhos de tantos, não parecem suficientemente vivos.

Ao fazê-lo, Palhano tem encarado, a seu modo, alguns dos desafios primordiais da representação, revivendo seus jogos de poder – exclusão, substituição, fetichização, exotização – enquanto intenciona, por sua vez, subverter suas normatividades. Nesse processo, a cor, a espacialidade, a luminosidade e a escala têm sido algumas de suas aliadas. Debruçando-se sobre suas possibilidades e esgarçando, junto a elas, também os limites da figuração, o artista aponta, com sua obra, para um caminho pictórica e politicamente urgente para sociedades que, como a nossa, se sustentam sobre a exclusão das diferenças.



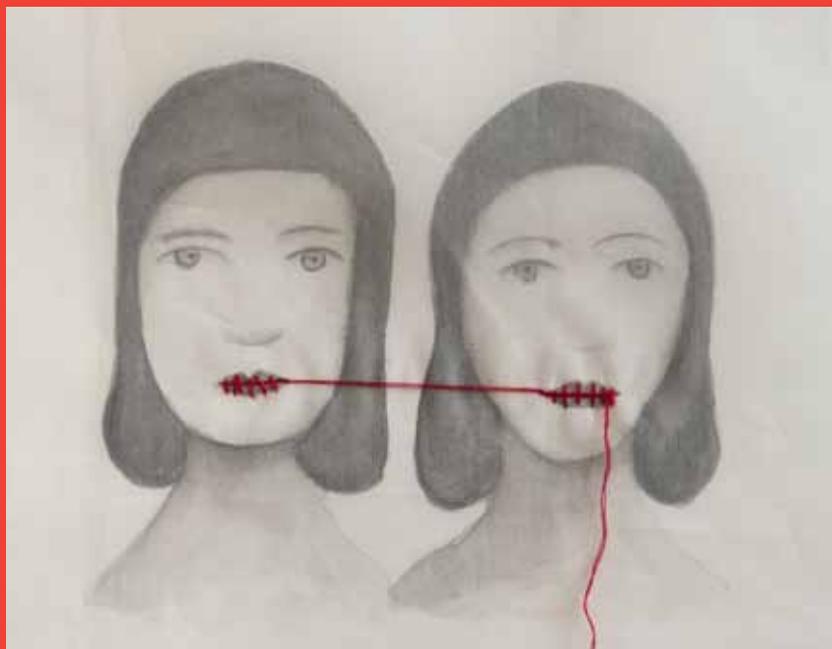
detalhe



Síndrome do encarceramento, 2019
óleo sobre tela

CH3, 2019
óleo sobre tela

Corpo incorrupto, 2019
TV de tubo



detalhe

bo ferraz

chega ao bordado depois de anos dedicados à aquarela e à ilustração de livros infantis. Ao aportar entre as linhas, traz consigo as tradições de sua família: ensinamentos que lhe foram transmitidos matrilinearmente desde a infância e que fazem com que esta recente ancoragem entre os pontos do bordado não seja uma iniciação, mas um processo de intensa ebulição de saberes preservados em âmbito privado ao longo das últimas décadas. Bo – que, sem coincidência, nomeada por seus pais como Ariadna em homenagem à deusa do fio que permite percorrer labirintos – vem, assim, bordando memórias, segredos e hábitos das mulheres de sua família, da mãe, da avó, da irmã mais nova. Saudades e sororidades. Os pequenos e delicados bordados em organza quase soltos sobre desenhos aquarelados, costuram figuras femininas geminadas, silenciadas, cúmplices, chorosas e cheias de afetividades. Transbordamento de afetos que aparece também nos seus múltiplos corações costurados em formatos alternados.



Sororidade #1, 2019 / *Olho vivo*, 2019 / *Univitelinos*, 2019 /
Sororidade #2, 2019 / *Vicissitudes*, 2019

aquarela sobre papel de algodão e bordado em linha de algodão sobre organza de seda

cypriano

realizou, com *QUEIMA (não esperem mais nada de nós além do pó)*, um desdobramento performativo do texto *REZA (não esperem mais nada de nós)*. No ano de intervalo entre o texto e a ação (acontecida no terraço da Escola de Artes Visuais do Parque Lage), parece ter-se dado um espaço-tempo de ritualização e de cura das feridas e traumas que, no escrito que abriu esse processo, foram confessadas. Lidas coletivamente pelo público da performance e, depois de picotadas, coladas sobre uma cruz que foi incendiada na ação, as palavras de Cypriano adquiriram corpo, calor, movimento, gesto, duração. Nesse exercício de tradução operou-se a redistribuição dos pesos daquilo que se vive e que se diz: nas bocas e diante dos olhos dos outros, as dores foram partilhadas por meio do rito criado pela artista. A vulnerabilidade tornou-se arma e, sob a lua da noite carioca e a sombra do Cristo Redentor, o nó da garganta que se expressara no texto de 2018 desembocou num grito cujos ecos ainda se pode sentir.



REZA (não esperem mais nada de nós), 2019
17'46"
registro: Lucas Magalhães



QUEIMA (não esperem mais nada de nós além do pó), 2019
17'46"
registro: Lucas Magalhães



Sem brechas para pesadelos, 2019
lençol suturado com linha de aço cirúrgico



detalhe



Estudos para suturas cirúrgicas, 1979
bordado com lã em 3 retalhos de lençol

dulce lysyj

é atravessada pela medicina e pelas memórias de tantas pessoas que, por meio dela, aportam à sua vida. Com anos dedicados à profissão, Dulce recorda vividamente os desenhos que adorava fazer ainda quando estudante – estudos obtidos por ampliações em microscópios que formam abstrações singulares a partir de tecidos do corpo humano. Mais tarde, quando decide fazer suas experiências em arte, incorpora as vivências de sua formação e atuação na nefrologia, transbordando-as em tramas de costura e de desenho. Para tanto, Dulce usa máscaras, tecidos, linhas cirúrgicas e outros materiais hospitalares para bordar, criando uma poética em torno do *outro* e da cura. Esse constante estado de cuidado aparece em seus mais recentes trabalhos de modo especialmente contundente: em *Sem brechas para pesadelos*, por exemplo, um extenso lençol azul claro que havia sido usado até rasgar é suspenso no espaço, exibindo, em seu centro, uma sutura realizada pela artista onde antes havia uma fissura. Costurada com linha de aço cirúrgica, a ferida do tempo se torna metáfora que se amplia para além da medicina, contaminando-nos de memórias que são, inextricavelmente, do corpo e de tudo o mais que o atravessa



Sete faces de mim, 2019
stencil, tinta acrílica, caneta BIC, carimbo e spray sobre papel

edju

grafita há anos, circulando pela cidade do Rio de Janeiro e ocupando-a da perspectiva de seus muros e paredes. Mais recentemente, contudo, as máscaras construídas para o grafite a levaram a outros processos de impressão, agora experimentados sobre papel. Novos exercícios para novos espaços, das galerias e instituições de arte. Edju constrói, nesse contexto, autorretratos politicamente posicionados como imagens de uma autoconstrução e fabulação de caráter ativista, feminista e antifascista. Sobre seus rostos se performa, através do *stencil*, um repertório de violências, de memórias, de histórias e de culturas de exclusão, que ignoram e exterminam quaisquer princípios de diversidade. Através de seus retratos – tornados singulares e irreprodutíveis pelas intervenções em lápis, caneta ou colagem – se monta, assim, uma trincheira política, um *front* social que começa a apontar para novos horizontes quando confessa imaginar-se de novo no espaço urbano, mas agora como lambe-lambes, ocupando tudo: o dentro e o fora dos espaços, das ruas, dos museus, do mundo.



detalhe



Neuetsukes #1 a #6 (plushofilia, maschalagnia, shibari, tênis, sexting, meias), 2019
miniaturas modeladas em FIMO, em estojo de veludo e cetim vermelhos



detalhe

felipe caldas

é um contador de histórias. Há alguns anos, em torno da vida do personagem Lord Philip, constrói cenários e situações que partem da escala em miniatura do Lego para fabular episódios históricos e as memórias de sua própria família, criando trânsitos cronoimagéticos entre o hoje e um passado centenário. Trata-se de uma rotina diária de invenção de mundos que articula a biografia do artista com comentários sociopolíticos de diversas naturezas, impressionando-nos pela rapidez e simultaneidade dos acontecimentos – a um só tempo documentais e ficcionais.

Esse imaginário é apresentado publicamente através do perfil de Instagram @_lordphilip, onde pudemos acompanhar, dentre muitos eventos da vida simultaneamente pública e privada de Lord Philip, um que foi especialmente nevrálgico para toda essa história: a sua migração da Europa ao Rio de Janeiro; uma viagem narrada em meio à tropicalização da sua vida e das referências de seu criador, Felipe Caldas. É nesse contexto que se operou outra significativa mudança na poética do artista, que aos poucos tem experimentado imaginários ancorados fora do mundo virtual, assumindo seu devir escultórico já não sob a lente das imagens, mas em conversas com objetos, exposições e outros códigos que atravessam o universo das tridimensionalidades. Por isso, em sua mais recente obra, experimenta a base e a vitrine como suporte de suas elaborações liliputianas, inspiradas na tradição japonesa *Netsuke*, na qual se dedica a pesquisar os modos de produção de desejo, de fantasias eróticas e de pornografias por meio da emulação, em cor marfim e mantendo a escala do Lego, de corpos vivenciando práticas sexuais situadas entre o público e o privado.



detalhe

laura freitas

transita entre a ação e a construção de objetos, dialogando com a costura, o desenho, a performance, a escultura. Seus assuntos orbitam pelos lugares do feminino, da sexualidade e do espaço íntimo. Há o fálico e o fecundo quando o ovo, por exemplo, aparece recorrentemente em objetos e instalações ou, ainda, quando a gema se torna matéria – através do visgo, do peso, da cor – para desenhos ou vídeos.

Além de um vocabulário da gestação que se estende da natureza à maternidade, Laura Freitas se debruça sobre as feridas, as cicatrizes, os traumas. Não somente as da pele, mas também dos outros corpos que nos habitam, como os cacos de louça do ambiente doméstico que Laura une com fios de linha num impulso de cura ou de retorno a alguma origem – ainda que incerta, mesmo que impossível. Em *Quando recolhi os cacos espalhados pelo chão*, ação iniciada em 2018 que se estende infinitamente no tempo-espaço, o gesto de costurar cacos se transforma numa espécie de rito de espera que inevitavelmente nos lembra o eterno tecer de Penélope enquanto aguardava seu querido Ulisses retornar da guerra de Tróia.



Quando recolhi os cacos espalhados pelo chão, 2018-2019
ação com cacos de porcelana e crochê

maria mara

transita entre culturas distintas e, nesse ir e vir, nos faz ver que, em algumas línguas, a palavra *mar* soa como a palavra *mãe*. Inscrito duplamente no próprio nome da artista, o mar nem sempre é masculino: em outras terras ele é matriarcal, dotado do artigo feminino e prenhe de sua intimidade. Esse pano de fundo poético que experimenta fluxos e identidades que se contaminam habita a fotografia de Maria Mara que, mesmo quando emprega técnicas digitais, nos traz sensações do pensamento analógico. Por isso, em uma de suas séries, a artista afirma que *Luz é um dos nomes que usa o tempo*.

Madre mar, 2019
fotografias impressas em papel algodão



Delicadamente atenta às correspondências que habitam o mundo das diferenças aparentemente inegociáveis, Maria lança seu olhar para sua própria matrilinearidade, para as casas de sua família, para as paisagens em seu caminho. Na série de fotos *madre mar*, por exemplo, vemos dois ângulos de um corpo feminino em repouso, ao lado de uma imagem da água encapelada do mar. O corpo da mãe, qual continente, segue o horizonte de contínuo movimento das águas marinhas, o líquido que originou a vida de todas as corpas do mundo tal como o conhecemos.





Experiência Abraço, 2019
vestimentas construídas com lenços de papel, tinta guache, cola e cabelos
#experienciaabraço



detalhe

marcella araujo

construiu um suporte de madeira clara para pendurar com cabides de madeira da mesma cor, duas vestimentas feitas a partir de lenços de papel tingidos de vermelho. Não é a primeira vez que a artista usa este material no seu trabalho, e não é também a primeira vez que ela, mesmo diante da fragilidade e fineza do material, dispõe seus cadernos costurados ou vestimentas de papel para serem tocados e usados: ao oferecer e vulnerabilizar, ao outro, a delicadeza de seus trabalhos, Marcella deixa ver o projeto ético de sua obra.

Na maioria das vezes, a cor é avermelhada e lembra carne, pele, manchas de sangue. A curiosidade despertada pelo caráter extraordinário dessa materialidade gera uma vontade ambígua em tocar – gesto que pode provocar o esfacelamento do que havia sido construído. É também nesta destruição que reside seu interesse – um eterno remendar. Sutura que é afeto, atenção, cuidado. Um contínuo estado de relevância do outro que mobiliza a artista a participar ativamente de sua obra, trocando com as pessoas e observando as relações que estabelecem com as peles que ela oferece ao toque e ao abraço do outro.



detalhe

maria lucia fontainha

gosta das palavras e faz, dos seus desenhos, escritas. Os títulos estão sempre em evidência e através das suas séries organiza o feminino. *A ferro e fogo*, obras que realiza queimando tecidos, cria marcas e incorpora, no seu gesto, violências domésticas. O resultado de suas experiências é abstrato assim como as instalações feitas com largos papéis amassados, que ocupam cantos de uma sala e que poderiam remeter a partes de um afresco ou arquitetura barroca. Ela associa estas estruturas à frase de Michel Löwy – *o maravilhoso é sexualmente transmissível*. Dos panos queimados, das espumas para estofar e dos tecidos prateados oriundos das tábuas de passar, faz tranças. Uma para Lilith, outra para Dalila e a última para Beatriz: prossegue expandindo os arquétipos femininos.

"O maravilhoso é sexualmente transmissível" - Michael Löwy, 2018
Instalação com papel manteiga sobre arquitetura do espaço

mariana sussekind

explora o passar do tempo, brincando com seus dispositivos de captura e observação. Já montou interessantíssimas câmeras de *pinhole* que experimentam sua tradicional arquitetura, inventando aparelhos para capturar, em uma imagem, os diferentes lapsos de sua construção. Ao fotografar pessoas, por exemplo, se interessou pelas marcas que o tempo grava na pele. Noutro momento, tomando como ponto de partida a necessidade que temos da luz solar – e, conseqüentemente, o hábito médico de receitar horas de sol contra a passividade ou a depressão que crescem na sociedade –, desenvolveu as cianotipias que compõem a série *Meia horinha de sol em posição fetal*. Gravando, numa larga folha de papel, a marca de seu corpo sob o sol, a artista passa a experimentar um elenco de variantes e de imprecisões envolvidas na construção de uma imagem: quantos minutos cabem em meia horinha; qual a exata forma da posição fetal; qual o enquadramento do corpo na folha de papel; qual a incidência de sol sobre o papel sensibilizado? Quantas repetições serão necessárias do mesmo processo para que a ideia se desenvolva plenamente? Para a coletiva trouxemos uma das imagens da série, que pousou sua enigmática e azul presença sob o sol negro de Richard Serra na sala do H.O.



Meia horinha de sol em posição fetal #5, 2019
prescrição médica em cianotipia

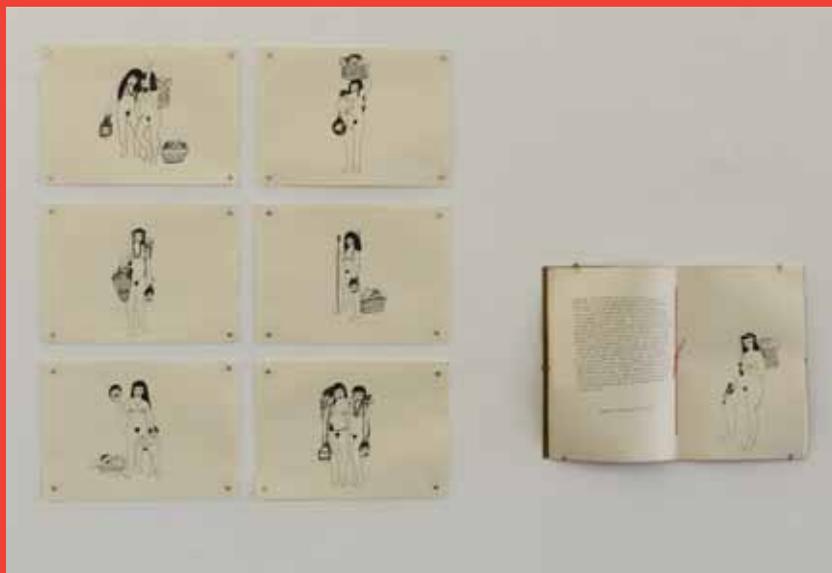


rafael tenius

tem iniciado suas investigações em arte com uma aguçada atenção aos símbolos. *Monumento arma*, objeto nascido de uma apropriação, não é apenas uma folha de bananeira, mas uma folha cujo verde-bandeira foi tingido de vermelho-sangue. Uma forma ereta manchada do rubro que sustenta, ainda que invisivelmente, a história da grande maioria dos eventos que monumentalizamos. No processo de criação do trabalho, o artista precisou testemunhar a folha que tomara de assalto morrer e, confrontado com a incontornável finitude, tentou métodos diversos para embalsamar sua aparência de vida, escondendo a passagem do tempo: alisando-a com peso suficiente que impedisse as curvaturas da matéria seca, envernizando-a, adesivando-a. Mas a folha, insurgentemente, ia seguindo seu rumo natural de transformação. Foi então que Rafael se deu conta de que a força insurrecta que o interessava ao imaginar uma folha vermelha posicionada na contramão do ufanismo verde-amarelo estava sendo performado, pela folha, na relação com o artista que a saqueara e adulterara. Confiou no tempo e no corpo da alteridade-bananeira – essa árvore tão importante para tantos povos –, aceitando que a folha conduzisse o desenrolar da obra no espaço-tempo.



Monumento Arma, 2019
folha de bananeira, tinta acrílica e verniz



detalhe

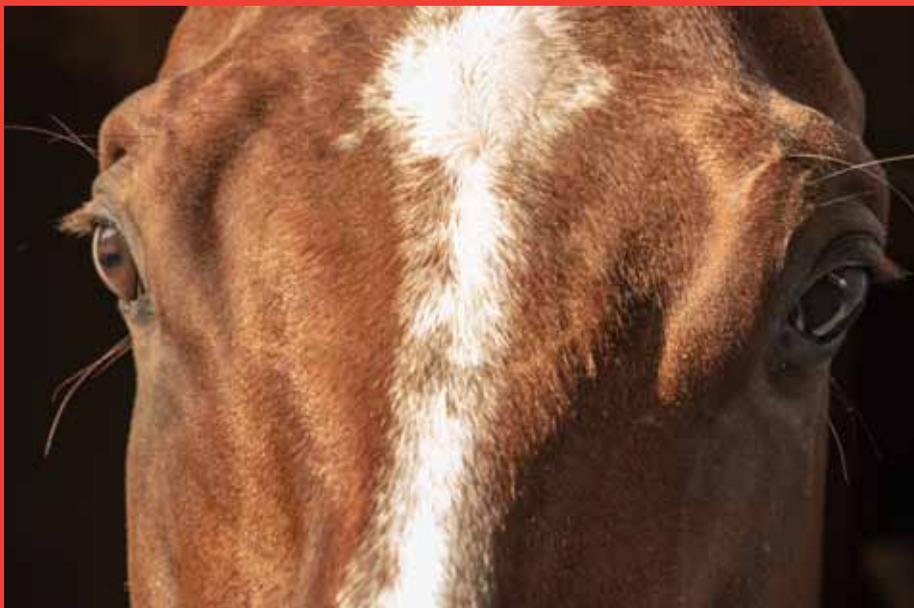
sophia pinheiro

traz no seu trabalho as memórias da sua bisavó e a certeza de que seu corpo é sua matéria e está em constante transformação. Com uma formação que atravessa as artes, a antropologia e o cinema, pesquisa e colabora há oito anos com comunidades indígenas, numa atuação feminista e ativista marcada pelo protagonismo das formas de criar em grupo, ou para um grupo. Sua biografia transparece na série de desenhos feitos com nanquim preto sobre papel A4 que constituem *Fabular um corpo histórico possível*. É na delicadeza dos traços que surge o contraste com a força do posicionamento das mulheres indígenas, guerreiras, naturalmente vitoriosas carregando nas mãos ou em cestos de palha, as cabeças decapitadas de algum homem – colonizador – opressor. Ao fazê-lo, a artista inscreve, em nosso imaginário, imagens ausentes dos livros de história mas que, sabemos, habitam as memórias e os desejos matrilineares há séculos.

Em outra de suas séries, as *Vândalas mascaradas*, corpos femininos cobrem seus rostos com máscaras que remontam a tradições religiosas e profanas, performando gestos, posições e coreografias a um só tempo de guerra e de festa que assustam e seduzem por sua insurgência. Como lembra outro de seus trabalhos – uma releitura das palavras concretas de Augusto de Campos –, essas mulheres anunciam, mesmo que de boca fechada: *VVA VUVA VVA*.



Fabular um corpo histórico possível, 2019
desenhos em nanquim sobre papel e caderno com escritos



Três olhares, 2019
Triptico
impressão jato de tinta sobre hahnenmühle

verônica peixoto

volta lá mil vezes. É observando os cavalos que compreende sua arte. São documentos fotográficos que criam suas narrativas dissonantes, às vezes como corpos fragmentados irreconhecíveis; outras, realçam estabelecimentos que abrigam os animais antes ou depois das suas corridas em lugares que são, ao final, espaços de aprisionamento. Uma vez Verônica leu, em Derrida, o que parecia querer escutar: “O animal que logo sou”. Talvez as leituras possam responder o grau de envolvimento e afeto mútuo entre ela e os cavalos. A solidão e a dor deles a atinge agora mais do que nunca e Verônica escreve um pequeno texto sobre suas vivências recíprocas: (...) “quem sou eu quando este *olhar me surpreende?* (...) *O meu olhar existe através do olhar dele* “. O tríptico confirma, basta o olhar..

yago toscano

encara e desafia a existência em suas impossibilidades e impermanências. Por entre objetos, fotografias, instalações, performances ou instalações sonoras, intervém – através de gestos ou ações que não ambicionam grandiloquências enquanto intenção, mas performam honestidade diante de materiais e situações – nas dimensões aparentemente inertes e impassíveis da vida, colocando-as em movimento. Enfronhar-se para dormir, por exemplo, é o lugar-comum do qual, na série *Para onde vamos quando dormimos?* (Série ZzZ), emerge uma reflexão sobre vulnerabilidade e predação, transformando um ato cotidiano em chave existencial. Outros atos – alguns, por sua delicadeza, propositadamente

protegidos sob a indesejável simbólica da noite – habitam seu imaginário, colecionando gestos de subversão à natureza enquanto destino e, assim, desafiando a morte e os corpos. Esse é o caso de *Uraniano*, sequência fotográfica que registra a depilação dos testículos do artista em posição congênere à icônica pintura *A Origem do mundo* (Courbet, 1866). Na obra, a virilidade masculina é ressignificada a partir da retirada dos pêlos e da alusão às tradições culturais que atribuem, a esse ato, um rito amoroso. É ele, o amor, que se impõe por entre a impermanência que atravessa a obra de Yago Toscano, demonstrando que o impossível é tão inventado quanto o seu avesso.



Uraniano (série), 2019
impressão jato de tinta sobre papel algodão

arte

alexandre brasil
aline reis
ayla tavares
clara veiga
dani vignolli
débora guimarães
duda borowicz
elisa maciel
fernanda morais
márcia falcão
mari morgado
michel masson
paula aguas
talitha rossi
tetsuya maruyama



alexandre brasil

tem observado e documentado seus trajetos cotidianos pela cidade do Rio de Janeiro. Da janela do ônibus, os caminhos e paisagens diariamente percorridos se tornam palco de um delongado jogo entre repetição e diferença, do qual surge uma rítmica tão pública quanto íntima. Elaborado a partir do silêncio meditativo dos passageiros e dos ruídos dos motores, comércios, diálogos, na rítmica do artista – que é também músico – os marcos paisagísticos se traduzem em compassos simultaneamente sonoros e gráficos. Assim, na cadência do sacolejo do transporte público vão surgindo pequenas peças audiovisuais cujo desdobrar-se ao longo dos anos conformam, por sua vez, um diário enigmático do ritornelo dos dias de uma grande cidade e seus habitantes. O artista, demarcado e diluído por esse território que é de todos, encontra poesia e música entre a obediência dos corpos que salvaguardam, igualmente, a subversão e o encantamento de que tanto necessitamos.

frame do vídeo



OqFM (o q faço é música)
III movimento, 2017
áudio e vídeo, 3'55"



Inclusão no circuito? Acho que não. Quando você pensa diferente da maioria, pensa que a arte contemporânea não vem da arte moderna, não é um desdobramento, varias pessoas são contra essa ideia.

Depois de tanto mapear o circuito, de estudar teoria da arte, ir à exposições, você tem uma alegria! Mas, os outros são pesados e eles na maioria das vezes querem acabar com a sua alegria.

Uma coisa que eu sempre falo: - É uma questão de legitimidade. A legitimidade passa pelo grupo. O grupo tem que ser generoso e na maioria das vezes o grupo não é generoso.

Esse grupo é generoso, Ainda nós fazemos as coisas em grupo, aqui a gente tem varias situações, cabeças diferentes, maneiras de pensar a arte mas as pessoas se querem bem.

Ter um grupo que as pessoas se queiram bem, que queiram juntas crescer, se afinar e se conhecer porque para elas faz toda a diferença e todo o sentido a arte; isto é o que importa!

Eu venho a cada texto tentando lançar uma perspectiva nova, pensar com outras cabeças, com outro referencial teórico e é muito bom pensar que a gente não esgota nada.

Desabafo, 2019
áudio 2'23"
transcrição

aline reis

faz planos variados para seu trabalho e poderia performar com pequenos novos de lã, ou com martelo, ou ainda com uma tabuleta que levaria nos ombros anunciando em breve o embate e as tramas entre arte e filosofia. O espectador receberia o ato provocador envolvendo-o numa espécie de visita guiada e quem sabe o colocaria como observador de uma disputa de pensamentos em *telecatch* entre Aline e uma amiga, também da área da filosofia, ambas sentadas em uma namoradeira. Ao final, Aline opta por um trabalho em áudio e apenas sua voz protagoniza tantas perguntas sobre os limites do contemporâneo e seus transbordamentos no mundo. Ao chegar na sala o público escuta sua reflexão ao lado do texto curatorial. O pensamento, tal o prego, encarna em som o ato da arte.



Uma dança entre dois sóis, 2019
cerâmica, madeira, metalon, thanaka, tinta a óleo sobre linho

ayla tavares

tem se interessado por fenômenos, imagens e sentidos que se dão no tempo – como a luz, a espera, o anoitecer, os caminhos, os fósseis. Seu fascínio pelo caráter constitutivo e mágico do tempo não se desvia, contudo, da fisicalidade daquilo que a artista se põe a observar, estudar, catalogar: ao contrário, a matéria é sua grande aliada na percepção dos movimentos daquilo que está sempre de passagem. É nesse sentido que a cerâmica emerge como protagonista de sua obra.

Terra mediada pela exposição ao calor, a queima da argila performa o tempo em ação. Assim impregnada, a cerâmica se torna uma espécie de evocação daquele que é o próprio calor-tempo: o sol. Instalação que conjuga formas diversas de representação e interpretação dessa estrela e suas forças (o thanaka de Myanmar, o olho pineal (Bataille), equações do tempo, dentre outras), *Uma dança entre dois sóis* dá a ver também os interesses metodológicos de Ayla Tavares entre a arqueologia, a antropologia, a astronomia, a literatura, a física, a matemática. Coreografias que habitam o intervalo entre um sol que se levanta e o outro que se deita.



detalhe

clara veiga

enquanto dá continuidade à sua pesquisa em pintura e desenho – na qual seu virtuosismo técnico encontra uma poética marcada pelos movimentos e símbolos da natureza –, privadamente se dedica a pequenos desenhos, anotações sobre o vazio e uma enxurrada de escritos e confissões que, agora, ensaiam atravessamentos. Nesse sentido, num pequeno caderno, pela primeira vez o denso e sedutor universo dos escritos de Clara Veiga conduz uma narrativa espaço-temporal por entre seu imaginário, traduzido em desenhos, colagens e palavras que, diferentemente de sua pintura, não se sintetizam em imagens voluptuosas, senão se espalham (e quase se camuflam) por entre uma pororoca amiudada, mas igualmente intensa, de signos, símbolos, segredos e sonhos.



Saudade, 2019
acrílica sobre papel



sem título, 2019
caderno

dani vignoli

tem desenvolvido trabalhos voltados ao outro que encontram, na imagem fotográfica, um dispositivo de mediação que opera não apenas entre subjetividades, como também entre culturas – do que são evidências suas séries criadas a partir da Índia, do Cariri cearense ou da Rocinha. Mais recentemente, todavia, a artista tem elaborado trabalhos que, por seu caráter devocional, não se debruçam sobre o outro, senão sobre si mesma: os *Euratórios*. Neles, o desejo de alteridade que mobiliza sua pesquisa fotográfica revela suas implicações interculturais sobre a própria autora que, por meio desses oratórios em tudo singulares e híbridos, revela uma fé contaminada pelo que lhe é diverso e estranho. Assim, patuás das mais variadas origens convivem com divindades e elementos sagrados díspares, rearticulados a partir de uma cosmologia individual na qual os trânsitos (neo)coloniais que tanto informam – histórica e contemporaneamente – o mundo são evidenciados em suas complexidades e contradições. Entre o encantamento pelas diferenças e a violência que igualmente as constitui, nos *Euratórios* de Vignoli perfaz-se o instigante e ambíguo território do que se situa entre arte, cultura e fé.



detalhe



Euratório, 2019
assemblage

débora guimarães

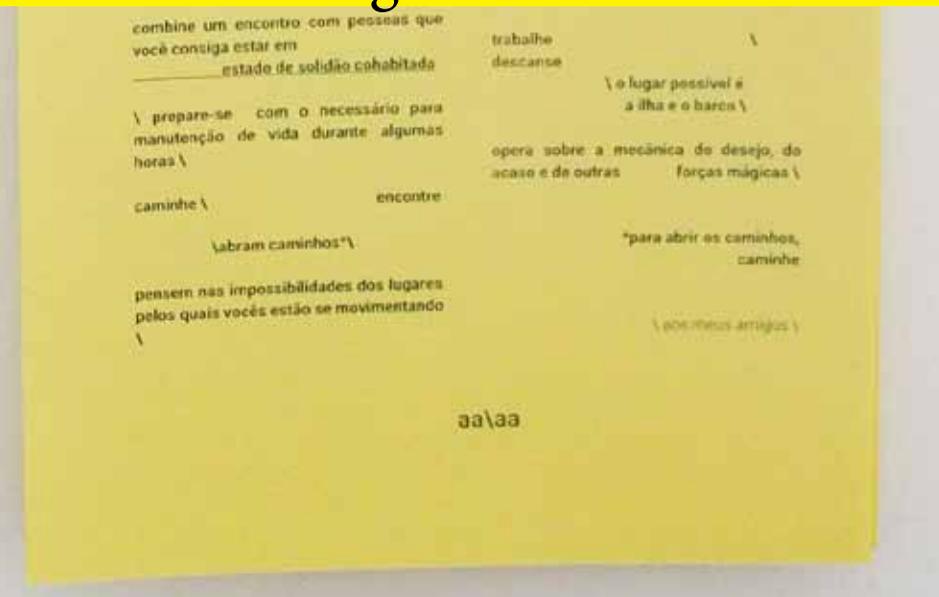
se mantém em estado de atenção constante àquilo que se passa no país – principalmente às intrincadas tramas de suas relações sociais. São objetos de seu alarme as mais diversas formas de violência e de perpetuação da injustiça social que caracteriza a história do Brasil, em razão do que seus trabalhos muitas vezes trazem denúncias, críticas e comentários acerca de situações sustentadas pela cegueira política por meio da qual teimamos em nos caracterizar. Nesse contexto, o tráfico de drogas, as milícias, os crimes ambientais e acontecimentos trágicos como o incêndio do Museu Nacional se tornam alvo de seu escrutínio poético-político, que investiga os memoricídios que nos afligem em fantasmagorias que rondam nossos dias, nossas comunidades, nossos governos, nossas florestas, nossas cidades. É em resposta a esse cenário que se a artista elaborou *Verdade absoluta*, onde a palavra resistência se materializa em luz vermelha, circulando incessantemente no espaço. Afinal, com Deleuze pensamos que a afinidade fundamental da obra de arte é com a resistência. Só o ato de resistência sobrevive à morte, seja sob a forma de arte, seja sob a forma de luta entre os humanos.

Verdade Absoluta, 2019
painel de LED

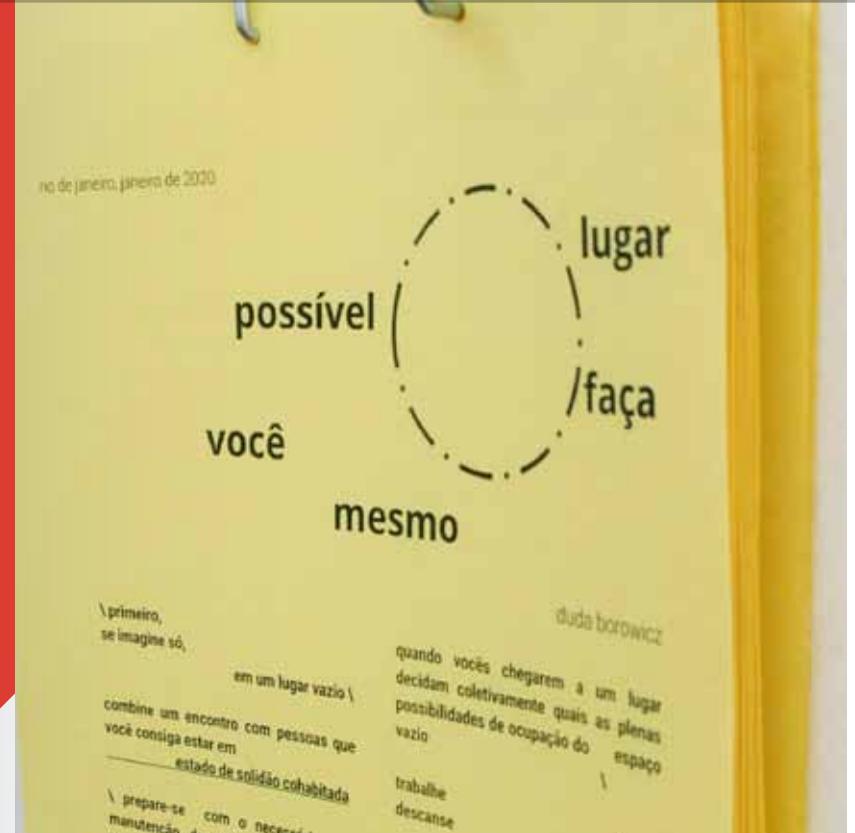




imagem Duda



Lugar Possível, 2020
texto para distribuição



detalhe

duda borowicz

compartilha conosco os caminhos sinuosos, plurais e por vezes quase imperceptíveis através dos quais surge e se inventa uma poética. Distante dos mitos das obras-primas ou da ambição de síntese e de autonomia que nos mobiliza a criar obras únicas, a artista espraia por tempo-espacos elásticos e povoados de alteridade, textos, pequenos gestos, palavras e imagens que fecundam lugares possíveis para a sua – e, conseqüentemente, a nossa – existência. Trata-se de uma cosmopoética singular, no seio da qual memórias e elementos diversos se atravessam numa trama de implicações e contaminações cuja potência reside no convite a integrá-la como forma de decifrá-la. Folhas coloridas indicando roteiros, caminhos e ações nos são oferecidas. Partes dessa constelação em movimento, somos generosamente abraçados e envolvidos pelas cosmologias da artista, expandindo sua luz e seu território simbólico através de nossos próprios caminhos e lugares.

elisa maciel

navega entre cosmos tão diversos como feiras de antiguidades e mapas obtidos por satélites, explorando escalas políticas e históricas entre micro e macrodimensões. Observa o detalhe de um universo imenso e o recorta, revelando indícios e vestígios de uma ação que, repetida em diferentes latitudes, nos conta, por exemplo, da ação destruidora de uma certa cultura ou, de outro lado, da resistência que atravessa pequenas ações ou as memórias e sonhos de outros mundos.

É assim que, em *Cerco-me com aquilo que destruo*, vemos um conjunto de imagens de satélite que, aparentando composições geométricas e cromáticas, a um olhar aproximado revelam a relação do agronegócio com a natureza: bunkers de mata que guardam as sedes de grandes empresas em meio às imensidões de suas monoculturas. Mais adiante, outra de suas operações de recorte se dedica a escolher palavras em folhetos de programas político-partidários tornados obsoletos ao final da campanha eleitoral. As minúsculas palavrinhas, libertadas de seu texto original e dispersadas no mundo, ironicamente ganham voltagem poética, revelando toda a potência da micropolítica.



Micropolítica, 2018
intervenção em espaços públicos com palavras recortadas



Cerco-me com aquilo que destruo, 2019
impressão fotográfica de imagens de satélite



frame do vídeo

fernanda morais

transforma o ofício de educar em ação artística. Potencializando as trocas que conformam os recíprocos aprendizados de quem ensina e de quem aprende, propõe a seus alunos que realizem exercícios de arte em diálogo com algumas de suas prementes questões contemporâneas, como a ideia de participação ou de autoria coletiva. Ao fazê-lo, desierarquiza as relações entre arte e educação, enriquecendo-as mutuamente.

A partir de um material comum – e onipresente – nas escolas, Fernanda sugere que os estudantes façam novelos de fios de papel crepom colorido. A delongada ação dos pequenos dedos que fiam é registrada em vídeo, sublinhando o protagonismo das mãos (interesse que, em outro trabalho, moveu a artista a inserir imagens de mãos em um famoso manual de bordado no qual o corpo do trabalho fora politicamente tornado invisível). Assim, enquanto, em outras obras, Fernanda Moraes explora a linguagem do bordado em linhas, cores e narrativas, com *Procurar mundos projeta paisagens que mudam com o movimento das mãos*, obra em processo desenvolvida junto a estudantes da rede pública de ensino, a artista se dedica a perspectivas éticas, sociais e políticas do bordado e da fiação enquanto prática que convoca o tempo, o espaço, o corpo e a coletividade.



Procurar mundos projeta paisagens que mudam com o movimento das mãos, 2019
vídeo 2'54" e novelos de papel crepom
em parceria com ALUNAS E ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO



Por detrás da lei, 2020
óleo sobre tela e trama da lei anticrime em papel e saco de ração de gado
com inscrições de avisos de traficantes da região da Praça Seca

márcia falcão

desenvolve um trabalho de pintura marcado pela densidade: não basta a lona e o pincel, mas preparar a tinta, o bastão à óleo, construir a própria materialidade logo habitada pelos retratos de mulheres que admira e/ou que são suas amigas. Uma estonteante diversidade de corpos povoa suas pinturas de mulheres voluptuosas e sedutoras, autorretratos, crianças, animais e imagens de violência contra a sociedade. As contradições que sua obra vivencia entre a beleza e a catástrofe são, por sua vez, reverberação da guerra civil em que vive o Rio de Janeiro e do ambiente violento em que mora a artista, a zona oeste da cidade. O sangue do genocídio promovido pelo Estado é traduzido catarticamente em gordura bruta, excessiva, que jogada pela artista contra as paredes dos cubos brancos desta mesma e rubra cidade, escorre, agride, incomoda, choca.

Recentemente, Márcia Falcão tem ampliado ainda mais o campo de sua pintura, interessando-se por sacos de ração bovina que certa vez apareceram no quintal da sua casa e a encheram de medo e interrogação. Intrigada, fragmentou os sacos para atravessá-los com uma trama de papel advinda, por sua vez, do picoteamento do pacote de lei anticrimes proposto pelo ministro Sérgio Moro – um gesto de contraviolência diante do cinismo do Estado, que acaba por expor seus cidadãos ao domínio de milícias de toda ordem, inclusive as do governo. Formando uma espécie de anteparo esburacado, a trama dessa violência se interpõe, como trincheira, à cena de um subúrbio do Rio de Janeiro, pintada pela artista a partir de um samba do Fundo de Quintal. Uma alegoria de uma cultura embrenhada em violências e prazeres de toda ordem.

mari morgado

nos mostra que caminhar é uma forma de pensar. Enquanto o corpo se move, é submetido a todos os acontecimentos do caminho: outros corpos, odores, paisagens, casas, paredes, solos variados... A deriva urbana tem tradição na história da arte e do pensamento. Nessa tradição da deriva e do caminhar podemos pensar as pesquisas da artista. Os materiais para a construção de suas obras e pensamentos são recolhidos por suas mãos ou capturados com sua câmara ao longo do seu deambular cotidiano. *Rua, substantivo feminino*, recolhe e organiza 21 fotos mostrando detalhes da topografia urbana assemelhados a vulvas. Frestas, cortes entre pedras e vegetações, folhas, pedriscos e revestimentos – detalhes que captam e sugerem verticais aproximações entre a natureza, a urbe e o sexo feminino. Mari também recolhe pedras em seu caminho. Com elas constrói *Apacheta*, homenagem à sobrevivência das oferendas de antigos caminhantes andinos à Deusa Pachamama e, fundamentalmente, pontos de referência para os que seguem as antigas trilhas por entre as montanhas da cordilheira. A cada paralelepípedo e a cada pedra colecionada, o gesto da artista remonta, silenciosamente, caminhos possíveis por entre o desvario de bifurcações da cidade e seus habitantes. Nessa errância, continua sua caminhada atenta aos rastros do tempo; criando, no espaço, novos marcos para quem passa.



No caminho, 2019
alpacheta de pedras recolhidas em trajetos cotidianos



Rua, substantivo feminino, 2019
fotografia



detalhe

micel masson

tem estado atento a dimensões eminentemente silenciosas das coisas: imagens quase mudas, gestos pouco eloquentes, conhecimentos considerados obsoletos. Entre a funcionalidade prevista dos objetos ou a memória apagada de tantos outros, experimenta rearranjá-los para fazer emergir, de seu habitual emudecimento, sentidos preñhes de engima e provocação. Entre caixas de papelão, por exemplo, faz surgir um monumento público. Ladeando partes de uma cartela de cor, nos defronta com a imensidão do branco e o caráter deslizante e em proliferação das taxonomias. De poucas intervenções sobre os objetos que se põe a escutar, Michel Masson evidencia uma ética da relação com o outro, seja gente, seja planta, seja coisa. Reduzir o gesto do autor – a mão enfeitante do artista – ao suficientemente necessário para dar a ver a transformação dos sentidos e dos valores é a medida que, por seu avesso, garante voz e espaço para aquilo e aqueles que estão implicados em suas obras. Dessa forma, o mínimo se torna potencialmente estrondoso.



Branco não existe, 2019
paletas de cor



Vontade de ficar pra dentro, 2020
papelão
#vontadedeficarpradentro

Paula Aguas

está sempre em movimento, fazendo, do seu corpo, um território fluido como a água que carrega em seu nome. Bailarina de formação, agora ela desloca o lugar da dança para o espaço das galerias e instituições de arte. A vontade ainda é de esticar os braços ao limite máximo, num emaranhamento com fios de lã pelo espaço e quer convidar os espectadores para participar. Acostumada com cenários nas suas apresentações solo de dança, pensa agora em como elaborar novas proposições em espaços coletivos, dialogando com outras obras. Paula vai das lãs às caixas de papelão propondo novos encaixes e prossegue fazendo experiências no seu ateliê onde se pergunta sobre que outros lugares, agora, seu corpo gostaria de ocupar. *Vontade de ficar pra dentro* é, no âmbito dessa pesquisa, um gesto especialmente eloquente. Partindo da apropriação de uma embalagem de banheira, convoca-nos a ficar dentro de um espaço tão simples e anódino como o é uma caixa. Sem intervir em nossa pele diretamente, perfaz, todavia, o que muitos toques protocolares não alcançam fazer – uma intimidade.



detalhe

sonia wysard

tem fascínio pelas sutilezas e tem confiado sua pintura recente a elas. Se o preto sobre preto ou branco sobre branco de suas obras são uma aposta na aguçada percepção do que difere entre iguais, tensionando os limites da visão, por outro lado, a artista se lança a escalas quase monumentais, possibilitadas por movimentos com trinchas gigantes. Nessa ambivalência entre ser quase camuflada na luz, mas topologicamente intransponível, sua pintura tem explorado os desafios da tradição da abstração e suas possibilidades contemporâneas. É nessa direção que também caminham as suas monotípias, cuja sutileza monocromática aliada às ranhuras do movimento produz sequências de imagens em vias de apagamento, formando espécies de paisagens insuspeitas – como se provocassem o caráter autocentrado da abstração em sua fricção com os mundos que não anseiam em bastar-se por si mesmos.

Diáfano, 2019
monotíпия em sequência sobre papel vegetal





talitha rossi

se ocupa do fluxo da experiência no tempo. Seus trabalhos iniciais apresentavam uma personagem longilínea e futurista grafitada nos muros da cidade, expostas à ação das intempéries e dos passantes. Logo passou a encarnar pessoalmente variações de sua personagem em fotos, onde, de diferentes maneiras, estabelecia conexões possíveis entre o ciberespaço e a natureza. Mas outras tradições, com sabores mais pretéritos, também povoam o mundo de Talitha: refinados bordados e tecidos nos lembram costumes ancestrais, assumindo forma em esculturas com referências orgânicas. Com as esculturas *extinção #2* e *extinção #3*, que somam bordados a ossos bovinos, suas pesquisas se aproximam de antigos rituais, ampliando o espectro temporal de sua relação – já tão arquetípica – com a natureza e a vida em sociedade.

Extinção #2 e #3, 2017
bordado sobre osso bovino





frames dos vídeos

Sessão de filmes em super 8,
feitos sem câmera, com câmera
sem cores vivas, com seres vivos



Reviver, 2020
filme de 16mm, asas, luz

tetsuya maruyama

orbita entre o uso de materiais que ele associa fisicamente aos filmes de 16 mm e Super-8, películas que consegue comprar em feiras de antiguidade no Rio de Janeiro, experimentando o que é fazer um filme sem o ato primordial de filmar. Queijo, tinta, sal, glitter, asas de insetos, entre outros, vão aparecendo nos filmes projetados como um registro de suas experiências que geram interferências aleatórias e abstratas aos assuntos filmados por desconhecidos – e por ele posteriormente apropriados. O artista organiza o tempo de suas exposições à luz e revelações em pequenos cadernos. Parte de seus interesses vem de sua memória quando morava no Japão, onde cresceu, sempre ao lado de seu pai que filmava a família em Super-8 e gostava de fotografar. De alguma forma, os trabalhos de Tetsuya se aproximam das experiências do Grupo Gutai e algumas filmagens dadaístas, interesse pela imagem que passa pelo artesanal e pelo analógico. De forma semelhante pesquisa sons, explorando ruídos e paisagens sonoras que descobre por acaso para complementar a atmosfera de seus filmes.

realização

Conversas de Arte
[curso semestral realizado
na Escola de Artes Visuais
do Parque Lage]

créditos

Fotografia

Mari Morgado
Maria Mara
Verônica Peixoto

Projeto gráfico e design

Felipe Caldas

Textos e Curadoria

Ana Miguel
Brígida Baltar
Clarissa Diniz

Montagem

Thomas Jefferson

Produção Gráfica

Marcella Araujo

Produção executiva

Fernanda Morais
Dani Vignoli
Duda Borowicz
Bo Ferraz

artistas

Ana Carolina Videira
Ana Quintella
Arthur Palhano
Bo Ferraz
Cypriano
Dulce Lysjy
Edju
Felipe Caldas
Laura Freitas
Maria Mara
Marcella Araujo
Maria Lucia Fontainha
Mariana Sussekind
Rafael Tenius
Sophia Pinheiro
Veronica Peixoto
Yago Toscano
Alexandre Brasil
Aline Reis
Ayla Tavares
Clara Veiga
Dani Vignolli
Débora Guimarães
Duda Borowicz
Elisa Maciel
Fernanda Morais
Márcia Falcão
Mari Morgado
Michel Masson
Paula Aguas
Talitha Rossi
Tetsuya Maruyama

Agradecimentos especiais

Alexandre Silva
Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica

Agradecimentos

Alice Alfinito
Ana Hortides
Ulisses Carrilho
Fábio Szwarcwald
Gleyce Heitor

apoio

sui

Hélio
Oiticica

CULTURA+
DIVERSIDADE

RIO
PREFEITURA

Apoio

